

## Painel 5: Patriotas judeus em uma era revolucionária

### "Liberdade defendida por muitos"

A Revolução Americana prometia um novo futuro político, mas o seu significado não foi uniforme para todas as comunidades que dela participaram. Para os judeus americanos nos períodos colonial e revolucionário, a promessa de independência levantou uma questão definidora: poderia existir o pertencimento cívico sem uma conformidade religiosa forçada? Os judeus sefarditas e asquenazitas representavam uma pequena minoria nas colônias, mas participaram da era revolucionária por meio do serviço militar, do apoio financeiro, de redes comerciais e da liderança comunitária. Sua história mostra que a liberdade não era apenas um princípio abstrato. Tornou-se pessoal para as minorias religiosas que testavam se a linguagem da liberdade se estenderia, na prática, a elas.

Francis Salvador (1747-1776) da Carolina do Sul ocupa um lugar importante na história da participação judaica na Revolução. Nascido em uma importante família sefardita, Salvador estabeleceu-se na Carolina do Sul e envolveu-se na causa patriota, sendo eleito para o Congresso Provincial da colônia. Ele é amplamente descrito como uma das primeiras pessoas abertamente judias eleitas para uma assembleia popular na América do Norte britânica, embora essa afirmação exija precisão: Joseph Ottolengui havia servido na Assembleia da Geórgia na década de 1760, complicando qualquer afirmação absoluta de primazia. O que não se discute é que o serviço público de Salvador representou um caso significativo e documentado de participação política judaica na era revolucionária. Em 1776, ele foi morto durante o conflito, tornando-se uma das primeiras baixas judias registradas da guerra. Sua vida ilustrou tanto a promessa quanto o custo do momento revolucionário: a possibilidade de participação política ao lado da exigência do sacrifício supremo.

Mordecai Sheftall (1735-1797) da Geórgia oferece um exemplo complementar. Apoiador da causa patriota, Sheftall serviu como oficial de intendência e fornecedor das forças americanas no teatro de operações do sul. Seu trabalho era essencial porque as campanhas militares naquela região dependiam de um provisionamento confiável sob condições de

ocupação, doenças e dificuldades logísticas. O serviço de Sheftall demonstra que as contribuições judaicas para a Revolução não se limitaram ao combate no campo de batalha; incluíram as funções práticas de organização e suprimento que tornaram possíveis operações militares sustentadas.

Além das colônias continentais, o esforço revolucionário dependia das redes comerciais atlânticas que conectavam a demanda americana ao suprimento europeu e caribenho. Santo Eustáquio, uma pequena ilha holandesa no Caribe, desempenhou um papel desproporcionalmente importante nesse sistema. Como porto livre, servia como um grande cruzamento comercial onde mercadorias, moedas e informações se moviam através das fronteiras imperiais. Mercadores e corretores judeus faziam parte desse mundo comercial caribenho, conectando as finanças holandesas, a prata espanhola e a demanda militar americana por meio de redes que operavam através de línguas e jurisdições. O ataque britânico a Santo Eustáquio em 1781, e o confisco dos bens e das pessoas dos mercadores judeus durante esse ataque, revela o quão estrategicamente importantes esses nós comerciais haviam se tornado. O tratamento dos mercadores judeus na ilha tornou-se objeto de debate sobre a conduta em tempos de guerra e o poder imperial, ilustrando que minorias comerciais que ocupavam posições sociais marginais podiam, simultaneamente, desempenhar papéis centrais em um conflito global.

Para figuras como Salvador, Sheftall e os mercadores judeus que operavam através das redes atlânticas, a Revolução trazia a possibilidade de uma nova forma de pertencimento cívico. A Revolução Americana não dissolveu instantaneamente as restrições existentes sobre a vida civil e política judaica, nem produziu igualdade plena para todas as comunidades. No entanto, criou uma nova linguagem política em torno de direitos, cidadania e consciência. Os judeus americanos na geração revolucionária podiam começar a imaginar uma república na qual a lealdade cívica e a participação ativa importassem mais do que a conformidade religiosa. As frases de encerramento do painel, *Libertad defendida por muchos* e *La libertad se gana entre muchos* (a liberdade se ganha entre muitos), expressam a lição central desta história. A liberdade foi defendida por muitas pessoas, em muitos lugares, por meio de muitas formas de serviço, e qualquer relato completo da independência americana deve abrir espaço para as contribuições menos visíveis, mas essenciais, das comunidades que ajudaram a sustentá-la.